

No Dia da Educação, país precisa avançar no ensino

Com apenas 4,5% dos alunos do ensino médio público com aprendizagem adequada, país está estagnado há mais de uma década

Neste 28 de abril, comemora-se o Dia Mundial da Educação. Mas, pelo menos por aqui, não temos muitos motivos para festejar. Desde meados da década passada, o Brasil parou de avançar na única coisa que justifica a existência de uma escola: fazer com que crianças e jovens aprendam. O país não parou de construir escolas ou de matricular alunos ou de pagar professores. Mas parou de ensinar. E ainda não saiu do lugar.

Os números são duros: apenas 4,5% dos estudantes do ensino médio público saem da escola com aprendizagem adequada em português e em matemática (segundo o Anuário Brasileiro da Educação Básica 2025, publicado pelo Todos Pela Educação em parceria com o Instituto Positivo).

Em matemática, segundo o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) 2023, cerca de 73% dos alunos brasileiros ficam abaixo do nível mínimo esperado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o que coloca o Brasil atrás de vários países latino-americanos e a uma distância considerável da média dos desenvolvidos. No Pisa, o país está estagnado desde 2012 nas três áreas avaliadas.

“O maior gargalo da educação brasileira hoje é, sem dúvida, a aprendizagem. O país avançou no acesso e na permanência dos estudantes na escola, mas não conseguiu garantir que eles aprendessem o que deveriam”, afirma Olavo Nogueira Filho, diretor-executivo do Todos Pela Educação. “A escola abre e fecha todo dia, mas não está ensinando o suficiente.”

O cenário décadas atrás era outro. Nos anos 1990 e 2000, o Brasil conseguiu colocar milhões de crianças nas salas de aula. A universalização do ensino fundamental, a ampliação da educação infantil e a queda nas taxas de abandono foram um grande avanço.

Para entender o que está ocorrendo no presente, é preciso olhar para o passado recente. Houve progressos entre 2005 e 2015, impulsionados por políticas que tiveram continuidade entre diferentes governos federais. Mas, depois, veio um ciclo de instabilidade, com novos projetos e prioridades. Uma das poucas iniciativas que sobreviveram a essa turbulência foi a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma espécie de âncora curricular que o país esperava em seu sistema educacional.

A pandemia de Covid-19 agrava-

vou o problema gerado por essa instabilidade política. Com as escolas fechadas, crianças que já tinham dificuldades acumularam defasagens. “Só agora voltamos a ter maior estabilidade e, no geral, boa direção para algumas políticas nacionais”, avalia Nogueira Filho.

A qualidade da educação está diretamente ligada à qualidade dos professores. E, aqui, há uma questão a ser olhada com carinho: a formação inicial. A expansão acelerada dos cursos de licenciatura, especialmente na modalidade a distância, gerou profissionais que muitas vezes não estão preparados para a realidade das salas de aula.

“Nos sistemas de alto desempenho ao redor do mundo, há um conjunto de ações comuns a todos: atrair bons alunos para a carreira, oferecer formação inicial de qualidade e garantir condições de desenvolvimento ao longo do tempo. No Brasil, esses elementos ainda são frágeis”, diz Nogueira Filho.

O investimento por aluno no Brasil é cerca de três vezes menor do que a média da OCDE. O novo Fundeb foi um passo importante para reduzir disparidades históricas entre redes ricas e pobres. “Para garantir que os investimentos sobrevivam a ciclos políticos, é fundamental preservar as bases de financiamento já existentes e melhorar os mecanismos de governança e alocação de recursos”, diz Nogueira Filho.

O especialista resume: “O sucesso da agenda educacional da próxima década dependerá menos da multiplicação de novas políticas e mais da capacidade do país de implementá-las com qualidade, consistência, continuidade e escala”.



Shutterstock

Há 20 anos trabalhamos por uma educação de qualidade para todos.

E isso só é possível porque não estamos sozinhos.

Neste **Dia da Educação**, reforçamos o que nos move há duas décadas: colocar a educação no centro do debate e, por meio do advocacy em prol de melhores políticas públicas, promover mudanças em escala nacional. Isso para que escola pública de qualidade seja realidade para todas as crianças e jovens do nosso país.

Mas o que sustenta esse trabalho não é apenas o que fazemos. **É com quem fazemos.**

Nossos parceiros, apoiadores e mantenedores são o que viabiliza uma ação decisiva, capaz de mover o ponteiro e orientada por uma visão de longo prazo. Com contribuições voluntárias e sem recorrer ao uso de recursos públicos, garantimos uma atuação independente, suprapartidária e baseada em evidências.

A cada um deles, o nosso muito obrigado.

Seguimos juntos, porque **o futuro da Educação Básica no Brasil depende da continuidade desse compromisso coletivo.**



Plataformas de doação pessoa física ifood LIMMAT STIFTUNG

20 anos



TODOS PELA EDUCAÇÃO

Para saber mais sobre o nosso impacto e como se juntar a essa causa, visite: todospelaeducacao.org.br

O maior gargalo da educação brasileira hoje é, sem dúvida, a aprendizagem. O país avançou no acesso e na permanência dos estudantes na escola, mas não conseguiu garantir que eles aprendessem o que deveriam

OLAVO NOGUEIRA FILHO,
DIRETOR-EXECUTIVO DO TODOS PELA EDUCAÇÃO